



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

# **Enquanto Dura: A Memória como Presente no Passado**

**Pedro Lopes de Carvalho**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Cinema**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Luís Nogueira

**Covilhã, Outubro de 2011**



## Resumo

Desconhecendo quase por completo as formas de escrever um relatório de Projecto Final, tomei a liberdade de sentir que o importante seria escrever a minha na primeira pessoa, já que se trata de uma obra da qual eu sou o autor. Este relatório tem como objectivo primordial detalhar o processo criativo e produtivo da minha curta-metragem. Com ele tentarei também levantar algumas perguntas, e formular algumas respostas, sobre a oportunidade que me foi dada tanto em meios materiais, capitais e apoio dos vários intervenientes ao longo de toda esta cruzada para fazer uma curta-metragem. O resultado final ficou longe de ser perfeito, mas aproxima-se bastante dos meus primeiros desejos do então projecto sem nome, o qual acabou por se chamar *Enquanto Dura: a Memória como Presente no Passado*.



# Índice

1	Introdução	1
1.1	Pré-Produção	
1.1.1	As ideias	1
1.1.2	Personagens	2
1.1.3	O Tempo	3
1.1.4	O Ponto de Vista	3
1.2	Produção	
1.2.1	Actores	5
1.2.2	Rodagens	5
1.3	Pós-Produção	
1.3.1	Montagem	6
1.3.2	Banda Sonora	6
1.4	Conclusão	7
1.5	Bibliografia	
1.5.1	Filmografia	8
1.6	Apêndices	9
1.6.1	Guião	9



# Capítulo 1

## Introdução

A ideia para esta história surgiu depois de algumas discussões com o meu orientador e de outras tantas ponderações da minha parte. Todas as minhas ideias respeitavam uma regra básica: serem todas executáveis a nível orçamental e do ponto de vista humano. O momento marcante para esta história veio depois de mais uma sinopse apresentada como orientando, sobre uma personagem mais velha e as memórias da sua vida errante até nos ser mostrado o seu presente como alguém falhado. O meu orientador recomendou-me usar como personagem alguém que me fosse mais próximo, de quem eu melhor conhecesse as vivências. E foi então que me ocorreu escrever sobre mim. Não contando uma história própria, mas de uma vida alternativa, com caminhos diferentes dos que eu percorri. Foi deste princípio que a primeira versão do guião surgiu.

O guião que criei para o projecto final de mestrado passou por várias fases durante o seu desenvolvimento. O processo de criação e concretização do projecto tem uma linha temporal básica: a compilação de várias ideias, a selecção de uma só ideia e o desenvolvimento da mesma; a escolha da equipa e a pré-produção; as rodagens e a pós-produção.

## Pré-Produção

### As ideias

Assim que o tema Cinema e Memória foi formalizado, iniciei uma compilação de abordagens que podiam ser feitas. Podia usar, por exemplo, o cinema como ferramenta de memória. Ao estilo documental ou realizando uma ficção, usando os estereótipos e conceitos de um género específico. Concretamente, pensei, em conjunto com um amigo e colega, recriarmos dois filmes de série B que se complementariam. Ponderei, por outro lado, usar as possibilidades cinematográficas para destacar alguns erros da memória, os quais investiguei numa das fases do projecto. Uma das ideias mais concretas que pensei em explorar foi o problema psicológico que uma minoria de pessoas tem, que consiste no guardar de toda a informação que passe pelas suas vidas. Ou seja, uma “super-memória”. Acabei por optar por juntar a memória à narrativa. Ajudada, em plano destacado, pela Fotografia e por uma personagem ligada a essa arte. Incluí, também, na narrativa alguns factos ligados à Memória. Psicólogos defendem, por exemplo, que o cheiro é o sentido que liga mais directamente à memória. Relembremos os cheiros que, quando sentidos, nos

transportam temporalmente para a nossa infância. O olfacto é referido no meu guião na altura em que Bernardo pensa no cheiro de Lara. Este momento tinha sido descrito no guião como uma *voz-off*. Mas acabei por alterar e sugerir o cheiro de Lara indirectamente representado quando vemos o plano mais aproximado de Lara no jardim. O reflexo de revirar os olhos para cima funciona como mais um exemplo de reacção involuntária que todos temos. Como se fosse uma maneira de vermos ou estarmos mais próximos do cérebro.

## Personagens

Um dos principais problemas e questões com que me deparo nas minhas curtas-metragens e guiões é sempre o mesmo: como construir uma personagem atractiva para a audiência em tão pouco tempo disponível, como numa curta-metragem? Um dos objectivos poderá passar por uma personagem com a qual o público se identifique, ou então, que se consiga colocar no lugar dele. Uma boa personagem é também aquela que torna a história desinteressante sem ela. No caso da personagem masculina que criei, tentei dar-lhe uma personalidade diferente, uma forma diferente de ver o mundo, neste caso o mundo universitário e boémio, e também dar-lhe a vontade de agarrar as oportunidades e de aproveitar o momento. Concordo que, logo à partida, o facto de não gostar de uma vida académica tão boémia, seja logo um ponto contra as possibilidades da audiência se identificar com ele. Mas, por outro lado, todos temos a eterna vontade de aproveitar o momento. Como diz a t-shirt da personagem na rua com a luz verde, no momento que confronta a personagem feminina pela primeira vez: “That can be your last chance”. Outra das formas possíveis de dar à nossa personagem principal um maior interesse será, perante as adversidades, fazê-la tomar a decisão ou a escolha mais inesperada nalgum dos momentos. Daí surgiu a decisão do final do guião que escrevi, quando a personagem masculina chama à personagem feminina o nome da cidade da Covilhã.

De certa maneira, Bernardo pode representar o papel de anti-herói: no facto de estar com Lara apenas uma noite sabendo que vai partir durante a madrugada seguinte; a rejeição do romantismo para com a personagem feminina com que conversa na cama.

Para uma história ser bem contada, três elementos são primordiais: uma personagem, um objectivo dessa personagem e um conflito. Sem esses elementos uma história não pode existir.

Na minha história, a personagem é Bernardo, pois é através dele que a história nos é contada. O seu objectivo é conhecer Lara. Existem três tipos de conflitos: personagem vs. personagem, personagem vs. ambiente que o rodeia e personagem vs. si mesmo. Neste caso, o conflito é de Bernardo contra si mesmo e o tempo que está a acabar para conhecer a sua, até então, paixão platónica.

## O Tempo

Uma fotografia é, só por si, uma acção do tempo, pois foi produto de uma reacção fotossensível. É, portanto, uma acção da luz no tempo num determinado material ou circuito eléctrico-digital.

O tempo, na obra que criei, assume um papel importante dado o tema mais imediato que tentei trabalhar: a memória. Tal como a fotografia, directamente ligada às nossas recordações e à vontade de guardar o momento. O tempo, ou a duração, é, por outro lado, sentido com a ajuda da memória a longo prazo. Ou seja, como se fosse uma espécie de combinação entre a duração objectiva que se escoia, as alterações que acontecem durante esse tempo, e a intensidade psicológica com que as registamos. A propósito disso, Georges Duhamel disse que “só sabemos o verdadeiro valor dos nossos momentos até que eles tenham sido submetidos ao teste da memória”. O sentido do presente não existe como um ponto no tempo, mas sim como uma memória imediata de alguns instantes. Na minha obra, o presente é passado no quarto, ou, se quisermos, na última cena do mesmo quarto, aquando do quase-beijo entre as duas personagens.

Para melhor tentar representar a memória servi-me da desfragmentação temporal, procedimento característico dos nossos cérebros quando recordamos algo. As nossas recordações não estão registadas com linhas temporais lineares ou por segundos e minutos, mas sim com momentos que sucedem momentos. Segundo Merleau-Ponty, o tempo supõe “um ponto de vista sobre o tempo, uma perspectiva temporal”.

O tempo fílmico do meu guião divide-se em cinco momentos:

- O quarto de Bernardo, onde decorre a acção. Bernardo na cama a dialogar com Lara.
- O jantar que antecedeu o primeiro contacto com Lara. Esta cena foi cortada na montagem ficando apenas com um plano de poucos segundos.
- O jardim, onde Bernardo observava Lara. Sem diálogos ou *voz-off*. Só música e imagens.
- A rua com luz verde onde Bernardo confronta Lara pela primeira vez. No tempo fílmico este é o momento antes de eles os dois irem para o quarto.
- A rua, junto ao carro de Bernardo, antes deste se despedir de Lara, de perguntar o nome dela e partir.

## O Ponto de Vista

O ponto de vista pode representar uma opinião ou uma representação de alguém sobre um determinado assunto. No caso desta obra, da minha autoria, o ponto de vista representado é o meu, tanto a minha reflexão como a representação do guião que eu criei. A câmara mostra o meu olhar, que posteriormente será o olhar do espectador. O ponto de vista pode também

ser encarnado como o enquadramento. A forma que encontrei de enquadrar a acção no plano passou pela câmara à mão, com desfoques constantes, proporcionados por uma abertura grande do diafragma, planos íntimos e invulgares dos actores, e planos descentrados, por vezes desenquadrados. Isto como forma de apresentar uma situação em que o espectador se pudesse sentir dentro da acção, como se quase se tratasse de um documentário, mesmo sabendo-se perfeitamente que não o é.

A profundidade de campo, também ela obtida pela grande abertura do diafragma, vem favorecer a perspectiva do espectador, dando-lhe maior sentido do espaço.

A visão cinematográfica que pretendi dar à minha curta-metragem passaria toda ela por tentar dar um toque intimista a toda a relação das duas personagens principais. Por isso pensei gravar com câmara à mão, de ângulos íntimos, com tons quentes, sombras e recortes de luz sempre que ambos estivessem dentro do quarto. Por ser o espaço em que os dois se encontravam verdadeiramente e por ser o local onde os dois podiam ser, finalmente, o que queriam, sem receios. As luzes de Natal que usei para decorar e iluminar o quarto devem-se também à tentativa de representar, muito timidamente, o cérebro e os seus impulsos eléctricos.

No restaurante onde decorre o jantar usei a câmara em cima do tripé, com planos fixos e com enquadramentos centrados para não distrair o espectador e dar mais força aos sentimentos, ou ao mal-estar, de Bernardo. Para a cor predominante no restaurante, optei por um caminho diferente de forma a distanciar e diferenciar as cenas: usei o cor-de-laranja e o azul. No jardim público onde Bernardo vê Lara a ler o livro, usei como cores principais o verde da relva e o azul do céu, com *travellings* ao redor de Lara. Na rua onde Bernardo confronta Lara pela primeira vez, aproveitei a luz que a cidade da Covilhã me deu. Decidi, para este plano, arriscar na fotografia e usar os verdes das luzes, aproveitando, ao mesmo tempo, as luzes que os carros que passavam constantemente poderiam afectar no recorte das personagens. O verde foi escolhido devido ao maior sentimento que a cena queria representar: a esperança. Bernardo decidiu dar o passo expondo a Lara o que sentia com a óbvia vontade de que resultasse.

À última cena, a da despedida, quis dar-lhe uma luz simplista, com as caras iluminadas apenas de um lado e com as luzes da Covilhã de fundo, de forma a torná-la um pouco mais realista: simulando apenas a luz de um poste eléctrico de rua.

A opção de esconder os rostos das personagens secundárias ou figurantes está directamente ligada com as falhas da memória. Toda a narrativa do presente tem apenas dois representantes. Os outros intervenientes, que neste caso só aparecem nas memórias de Bernardo, são sujeitos secundários dos quais ele não se iria lembrar. A cara deles não foi retida pela memória dele. São impulsos eléctricos dispensáveis pelo cérebro.

O último diálogo de *Enquanto Dura* revela-nos que Bernardo nem sequer sabe o nome de Lara. Cronologicamente, esta é a última cena. É a partida de Bernardo, enquanto Lara fica. A pouca convivência de ambos é-nos revelada pelo estranho facto de nem saberem o nome um do outro. Bernardo acaba por chamar Covilhã a Lara. Desta forma, Bernardo, marca a cidade

onde esteve, e da qual não gostou assim tanto, com o concretizar de um desejo que só decidi não deixar fugir à última oportunidade: o último cruzar com Lara.

## Produção

### Actores

Os dois actores principais foram escolhidos juntamente com a produção, e ambos provêm do Teatro das Beiras. Pedro da Silva e Vânia Fernandes desempenharam respectivamente o papel de Bernardo e de Lara. A nossa escolha teve várias razões de ser: a produção já conhecia o trabalho deles, o Pedro já tinha participado em várias curtas; a formação teatral dos dois era essencial para o tipo de entoação que queria dar à curta-metragem e o orçamento reduzido não me permitia pensar em actores fora da Covilhã.

Na construção dos diálogos não quis apenas enchê-los de memórias. As duas personagens teriam de ter vida, e por isso não podia deixá-los apenas com o seu passado. Tinha de recorrer às suas expectativas, ao seu futuro. Algumas das indicações de movimentos que escrevi no guião servem não só para situar melhor os actores no que devem fazer, mas também como forma padrão do comportamento humano. Quando pensamos no futuro inclinamo-nos para a frente, quando vagueamos pelo passado encostamo-nos para trás.

A entoação que quis obter dos actores - diga-se, com formação teatral - foi escolhida com o mesmo objectivo da câmara à mão e dos desfoques: transmitir ao espectador um sentimento de quase-documentário, de forma a aproximá-los das personagens.

### Rodagens

As rodagens de Enquanto Dura começaram logo no início de Abril de 2011 e decorreram durante quatro dias. O último desses quatro dias foi dedicado a regravar as cenas da rua com a luz verde porque todas as imagens da primeira gravação perderam-se devido a um dos cartões de 16 gigas estar a dar erro e ser impossível recuperar a informação. O Dia 1 foi dedicado à decoração do Quarto de Bernardo, dando especial atenção às luzes de natal. Estas foram espalhadas de modo a dar profundidade à cena e a criar um efeito visual apelativo aquando de uma abertura mais do diafragma e conseqüente desfoque. As gravações deste primeiro dia começaram às 19 horas e terminaram às 4 horas. Durante esse tempo gravaram-se todas as cenas do quarto entre Bernardo e Lara. O espaço limitado dificultou a escolha dos planos, e por isso não há muitos planos abertos neste décor. A iluminação foi feita através de duas bolas chinesas com duas lâmpadas do *car kit* em cada uma, com as luzes de natal e com o candeeiro de Bernardo. No Dia 2 foi gravada a cena do restaurante, no café O Jardim, na Covilhã e a cena da rua com a luz verde. Durante a tarde gravámos a cena do Restaurante durante uma hora e meia e apenas um plano ou dois foi aproveitado para o trabalho final. Neste local gravei sem som e tentei aproveitar a luz que o espaço me oferecia. Apenas usei três lâmpadas do *car kit*

debaixo da mesa para dar luz ao rosto, um projector de 500 para o quadro para dar profundidade visual e um projector de 300 para dar algum recorte ao personagem. Aos figurantes presentes no jantar tentei deixá-los ligeiramente na penumbra. Na rua da luz verde fiz um *travelling* a acompanhar a personagem e um plano fixo quando Lara e Bernardo falam pela primeira vez. Queria tornar o plano simples, apesar do movimento de câmara. A luz usada foi a que eu tinha pensado previamente: a iluminação nocturna da cidade da Covilhã. O Dia 3 era o dia em que, supostamente, finalizariam as gravações.

## **Pós-Produção**

### **Montagem**

Vários foram os meses que passei a montar, desmontar e remontar a curta-metragem. A busca por uma linguagem correcta e que se adequasse ao tipo de filme que eu procurava e à ideia que eu tinha idealizado nem sempre foi fácil de concretizar. As várias cenas gravadas de diferentes ângulos permitiam-me optar por vários estilos. As várias opções davam-me liberdade para criar uma obra com uma montagem mais dinâmica ou uma com uma linguagem mais pausada e com mais tempo para respirar. Optei, por fim, por um ritmo, na maioria do filme, mais lento e com o mínimo de cortes que conseguia.

### **Banda Sonora**

Na banda sonora usei som directo, com o mínimo de limpeza do som para que os ruídos dos quartos e da rua se pudessem sentir.

A música do filme esteve a cargo de uma amiga, Constança Simas, maestrina em violino. Tivemos longas conversas sobre o caminho a dar à parte melódica das músicas que iria construir para a minha curta. Dei-lhe a ler o guião e as minhas intenções. Acabámos por concordar que a curta iria ter um só tema, mas tocado de várias formas e com diferentes instrumentos.

## Conclusão

Para que esta obra se desenvolvesse tenho de dar graças não só à equipa técnica, que tanto me facilitou o trabalho, e ao meu orientador, mas também às influências que indirectamente a moldaram. Talvez com alguma arrogância me apodere do bom nome das magníficas obras-primas de Alan Resnais, *Hiroshima*, *Mon Amour* e *L'Année dernière à Marienbad*, pela forma como me fizeram reflectir sobre a memória no Cinema. Também *La Jetée* foi um passo importante para a compreensão da forma de trabalhar a memória cinematograficamente. De *(500) Days of Summer*, de Marc Webb, tentei aproveitar o enredo na forma de trabalhar o romance entre dois jovens. Roland Barthes, foi um dos livros que mais me inspirou para trabalhar a fotografia na narrativa de *Enquanto Dura* pelos seus escritos no *Câmara Clara*. No fundo, a minha obra não é mais do que um pedaço das minhas vivências organizadas com a ajuda das minhas influências. Trezentos euros é uma quantia quase mínima para se fazer um Projecto Final em forma de ficção cinematográfica. Mas é possível. Apesar de que os financiamentos deste ano tenham caído para mais de metade em relação ao ano passado, não acredito que alguém pudesse deixar de realizar o seu trabalho por problemas monetários. Além de aumentar a nossa criatividade, temos a vantagem, no nosso curso, de sermos, desde o início, preparados para trabalhar e para nos ajudar em equipa. E esse é o ponto essencial desta conclusão: sem equipa, o projecto não seria o mesmo.

## Bibliografia

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRESSON, H. C. *The mind's eye: writings on photography and photographers*. New York, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice, *Le cinéma et la nouvelle psychologie em Sens et non-sens*, collection Pensées, 5ème. Ed. Nagel, Paris, 1966.

PENAFRIA, Manuela, *Ouvir as Imagens e ver os Sons*, texto apresentado durante o VII Encontros do Cinema - Música, 2003.

AUMONT, Jacques, *A Imagem*, 2005

DELEUZE, Gilles, *La imagen-tiempo: Estudios sobre cine*, Barcelona, 1986.

## Filmografia

RESNAIS, Alan, *L'Année dernière à Marienbad*, 1961.

RESNAIS, Alan, *Hiroshima mon amour*, 1959.

RESNAIS, Alan, *Smoking/No Smoking*, 1993.

RESNAIS, *Providence*, 1977.

ANTONIONI, Michelangelo, *L'avventura*, 1961.

LYNCH, David, *Mulholland Drive*, 2001.

MARKER, Chris, *La jetée*, 1962.

WEBB, Mark, *Days of Summer*, 2009.

# Apêndices

## 1 Guião *Enquanto Dura*

Por Pedro Lopes.

SEM TÍTULO

[Os rostos dos figurantes ou personagens secundárias nunca vão ser identificáveis durante toda a narrativa, seja por desfoques, objectos que os tapam ou sombras]

CENA 1 - QUARTO, MADRUGADA

Cama Sons de sexo. Pelo quarto estão malas espalhadas e cheias. A televisão desligada, no chão. Uma fotografia de um banco num jardim público colada na parede. Na imagem aparece um candeeiro, numa das esquinas do quarto. Houve-se um orgasmo. Um jovem levanta-se, chama-se BERNARDO, 20 e poucos anos. O plano desfoca o candeeiro para agora focar Bernardo arfante. Sem t-shirt vestida. Limpa as gotas de suor que escorrem na sua testa. Levanta-se LARA, nos seus 20 anos, magra e cabelo comprido com franja, ao lado dele, abraça-o, passando o braço por trás, depois de ele vestir a camisola. Ela tem vestido uma camisola de alças. Estão os dois no colchão. Não há cama. Enquanto a respiração dele normaliza ela diz:

LARA

Amanhã.

BERNARDO

Não vou ter saudades.

LARA

Toda a gente as tem. Não é um sentimento exclusivo português como tantos fazem crer. Talvez nós as expressemos mais, talvez se nos notem mais...

Bernardo interrompe-a.

BERNARD

O É já amanhã,  
sim.

LARA

Mas gostaste de mim, não foi? Ou...

Enquanto ela lhe passa um dedo na face, como que um cego a decorar rostos. Ele encosta-se muito ligeiramente para trás.

CONTINUA:

LARA

Não correspondi às expectativas?

BERNARDO

Deduzo que tu és como todos os outros seres humanos no mundo que adora um bom pôr-do-sol.

Lara responde, depois de um ligeiro silêncio, por causa da surpresa da pergunta.

LARA

Sim, adoro pores-do-sol.

Bernardo baixa a cabeça, a posição de ambos mantém-se. A Lara abraça-o.

BERNARDO

E onde está a beleza desse acontecimento proporcionado pela rotação da Terra? Nas cores? Certamente. Mas também na sua curta duração.

LARA

Estás a querer dizer-me que se o pôr-do-sol durasse mais não lhe dávamos tanta importância?

Bernardo deixa fugir um pequeno sorriso.

BERNARDO

Talvez não. Não sei. Sei que vale pelas suas cores e pela sua raridade.

Bernardo sorri mais uma vez.

BERNARDO

Principalmente por passarmos o dia sem podermos olhar para o Sol e, durante aqueles poucos minutos, torna-se visível. Deixa que olhemos para ele.

Lara solta um pequeno riso que rapidamente abafa. Baixa também a cabeça enquanto a encosta à do companheiro.

LARA

Fui o teu pôr-do-sol?

Bernardo olha Lara nos olhos e não responde.

CONTINUA:

Lara deixa-se cair e deita-se na cama de braços estendidos.

LARA

Não tens de o admitir. Mas fica a saber que foi especial para mim também.

BERNARDO

E que importa isso?

LARA

No fundo, nada. Nada. Mas é algo social, cultural. Tinha de o dizer.

Bernardo começa a fazer movimentos giratórios no umbigo de Lara.

BERNARDO

Digo-te mais: Tenho fome.

LARA

Queres que te faça alguma coisa para poderes comer?

BERNARDO

Perfeito!

Lara levanta-se, sai de plano e dirige-se à cozinha. Enquanto o faz, diz:

LARA

Decidiste tentar por ser o último dia em que me ias ver?

BERNADO

Nunca gostei de jantares em que os intervenientes insistem em cantar para beber. Comer, cantar e beber. Descobre o intruso.

LARA

Eu vou a esses jantares. Encaro-os como reuniões de amigos.

BERNARDO

Foi o melhor jantar do género que já tive.

Bernardo faz uma pausa e retoma a conversa poucos momentos depois.

CONTINUA:

BERNARDO

E nem sequer gostei.

RESTAURANTE - INÍCIO DA NOITE

Jantar de curso. Bernardo fica numa das pontas. É-nos mostrado imóvel. Com olhar longínquo. Enquanto as outras pessoas, colegas de curso, jantam, falam, bebem e cantam. Há pessoas a rir às gargalhadas. Pratos partidos. Copos derrubados. Vinho derramado a manchar o papel da mesa. Vemos também alguém que se levanta e propõem o brinde. Todos brindam. Menos ele. Silêncio.

Numa realidade alternativa. Bernardo bate com as mãos na mesa e começa a gritar furioso. Todos param e olham para ele.

De regresso à realidade. De novo Bernardo. Imóvel. O regresso a casa. De noite. Plano aproximado da cabeça, olhar fixo e abstraído a câmara acompanha o seu movimento. Cruza-se com Lara. A cabeça fixa mas o olhar vacila para o rosto dela. Continua a andar já com o olhar aparentemente recomposto. Leva uma mão à cabeça e continua a andar.

QUARTO - MADRUGADA

Os dois sentados no colchão, Lara observa-o a comer. Sorri. Ele oferece-lhe com o garfo um pouco da refeição que está prestes a ser terminada.

LARA

Não quero, obrigado.

BERNARDO

Dieta?

LARA

Por eu ter recusado uma garfada já estou de dieta? Ou não gostaste do que viste?

BERNARDO

Diz-me a experiência que as mulheres e as dietas são grandes amigas. Apesar de raramente o admitirem.

LARA

Não é o meu caso. Estava só a reparar na tua fome. No prazer que retiravas de cada dentada que davas.

Bernardo acena com a cabeça com comida ainda na boca diz:

BERNARDO

Verdade...

CONTINUA:

LARA

Conta-me, já agora, que vais fazer de ti nos próximos tempos? Na nova cidade.

Bernardo levanta-se finalmente. Não responde logo à pergunta que lhe foi feita. Vai até à janela. Levanta o estore:

BERNARDO

Está a chover.

LARA

Custa-te pensar na tua nova vida?

BERNARDO

Falamos do tempo meteorológico para nos esquecermos do tempo que passa.

Bernardo encosta-se à janela com a cabeça.

BERNARDO

Pensa: quantas vezes te deste ao luxo de viver no presente? Quantas vezes nós, os humanos e seres pensantes, vivemos verdadeiramente o presente? Estamos sempre a caminho do passado, a recordar vivências e momentos. A ver fotografias que tirámos. A recordar a mágoa que outras pessoas nos causaram. Ou então estamos sempre a imaginar o futuro.

Bernardo desencosta-se finalmente da janela e vira-se para Lara.

BERNARDO

Estamos no trabalho e estamos a sonhar com o que vamos ganhar, conhecemos alguém que achamos especial e imaginamo-nos deitados numa noite estrelada a olhar para o céu, depois casados e com filhos, a envelhecer juntos... Eu estou aqui contigo. Aqui e agora. Só isso. Sem pensar se te vou reencontrar.

LARA

A dor carimba a nossa existência. As alegrias têm de ser lembradas e festejadas. Será que em algum momento chegas a viver no presente? Lembras-te da primeira vez em que me viste?

CONTINUA:

Bernardo começa por encolher os ombros, insatisfeito. Mas ao olhar para ela... sorri.

JARDIM - DIA

Bernardo fala enquanto vemos imagens correspondentes à sua memória.

BERNARDO

Lembro-me de te ver no jardim público. Como eu gosto de jardins! Tinhas o vestido. Subias os degraus das escadas dois a dois. De tantos vestidos que tens, é daquele que eu mais gosto. Chegaste ao jardim e abriste logo o livro na página marcada com uma dobra na folha. Estavas À Espera no Centeio. Reparei na tua franja. Na forma diferente como sorrias em frases distintas que lias. Nos teus tornozelos. Na forma como afastavas o teu cabelo e o punhas atrás da orelha. Na tua orelha. Na tua franja. A tua franja! Na forma como interrompias a leitura para observar quem passava. No tempo que passavas a olhar para essas pessoas. E começaram as suposições. Será que também tu não gostavas de andar de mãos dadas? Qual seria o teu gelado preferido? Onde é que foste descobrir o Salinger? Compraste porque te pareceu interessante? Terá sido um amigo? O namorado? Eu permaneci calado. Com a minha máquina fotográfica ao meu lado. A fotografia que eu te tirei.

QUARTO - MADRUGADA

Bernardo mostra-lhe a fotografia colada na parede. Quase a cair. Mas a última das fotografias a ser arrancada de lá. Finalmente arranca-a e coloca-a na mala onde se encontra a máquina fotográfica. Sem muito cuidado. Lara, pega na foto e começa a tentar esticá-la para esconder as dobras:

LARA

Tu tratas mesmo mal as recordações.

Bernardo diz-lhe enquanto beija a Lara de uma forma terna:

CONTINUA:

BERNARDO

Não me interessam.

LARA

Posso ficar com a fotografia então?

BERNARDO

Aquilo que a fotografia reproduziu até ao infinito só existiu uma vez. A fotografia é toda tua.

LARA

Continuou a existir na tua cabeça...

BERNARDO

Sim. Na minha memória. Tal como na fotografia. Mas o momento é irreproduzível.

LARA

Diz-me, se te despertei assim tanto a atenção, porque é que não me foste dizer nada no jardim? Porque é que nem sequer cruzaste o olhar comigo?

BERNARDO

Acho que estava à espera da... Da tempestade perfeita.

RUA - NOITE

No regresso a casa, depois do jantar. O olhar fixo e abstraído de Bernardo é focado enquanto caminha. Cruza-se com Lara. A cabeça imóvel de Bernardo mas o olhar vacila para o rosto dela. Continua a andar já com o olhar recomposto. Leva uma mão à cabeça e continua a andar. Olha para o ar e num ápice decide voltar para trás e pergunta-lhe com a mão atrás da cabeça:

BERNARDO

Não vai ser fácil para mim dizê-lo, mas... tive um acidente: conheci alguém. Não fiz de propósito, não estava à procura de tal acontecimento...

Vemos então que alguém já estava a tentar conversar com Lara.

CONVERSADOR

Com que então chamas-te Lara e estudas...

CONTINUA:

Lara não lhe dá ouvidos e foca-se unicamente em Bernardo enquanto o Conversador não se apercebe de que foi ignorado.

LARA

O que é que dizias?

Bernardo coça a cabeça enquanto fala.

BERNARDO

Bem, já te vi por aí e esta é a minha última noite na Covilhã. E não queria deixar de te conhecer, se tiveres disposta a isso.

QUARTO - NOITE

Lara e Bernardo encontram-se com as caras frente a frente a poucos centímetros de distância. Os dois sérios. Lara deixa fugir um sorriso que é seguido pouco depois por Bernardo.

LARA

Era isto que tu querias, não era?

BERNARDO

Nunca pensei chegar tão longe.  
Aliás, nunca pensei chegar.

Lara aproxima-se mais um pouco.

LARA

Estás cada vez mais perto.

BERNARDO

Ainda podes voltar para trás.

Lara olha para trás por uns segundos e volta à mesma posição.

LARA

Bem, pelos vistos não há nada que me impeça.

BERNARDO

Sempre me imaginei num mundo paralelo onde isto acontecesse contigo.

Lara ri-se.

BERNARDO

Sabes, se existissem mundos paralelos e fossem infinitos isto já tinha acontecido há muito tempo.

Lara fica séria de olhos bem aberto.

CONTINUA:

LARA

Já chega! Isto está a  
ficar esquisito.

Lara avança e acaba com a distância que separava os dois.  
O ecrã fica preto.

RUA - MADRUGADA/MANHÃ

Na rua está o carro com as malas de Bernardo. Enquanto ele  
pousa a última no banco do passageiro e tira de lá a  
máquina fotográfica, Lara encosta-se ao carro. Com a mão no  
queixo há algo que a faz sobressaltar-se.

LARA

Que estupidez, nem me perguntaste  
o meu nome.

BERNARDO

Eu sei. Mas não faz mal, eu já  
te dei um nome.

Bernardo aponta a câmara para Lara. Lara não muda a  
sua postura e pergunta:

LARA

Qual foi o nome que me deste?

O ecrã vai novamente a preto e surge a fotografia de  
Lara tirada por Bernardo.

BERNARDO

Chamei-te... Covilhã.

**FIM**